Poca:fe:e
poca:grev

# A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1635

## Balanço agricola

O balanço agricola do ano findo vem onerado com os debitos enormes dos anos anteriores. Resumiremos as contas a poucas rubricas: *Lavradores e Estado e Comercio*, que se podem subdividir em muitas outras.

A conta *Lavradores*, traz de ha longo tempo um debito enorme no capitulo *Associação*.

A resistencia a enveredar pelo unico caminho da defeza e prosperidades das classes, não se afigura hoje menor do que ha vinte ou trinta anos. O esforço dos orientadores embota-se de encontro á indiferença da classe; aqui e além uma associação, um sindicato, uma caixa dão leves esperanças de inicio dum movimento da classe, mas se examinar-mos bem, são efeitos da energia de uma das poucas. Abre pois este capitulo com um *deficit* acrescido com os valores perdidos durante mais um ano.

No capitulo—Iniciativas individuais—inscrevemos com prazer um credito valiosissimo; esta verba cabe por completo ao Dr. Paquito Rebelo com a publicação da importantissima obra—Novos Metodos de Cultura—. O balanço agricola de qualquer país cotaria altissimo este valor, excepcional sob o ponto de vista doutrinario e sob o ponto de vista pratico.

A conta *Lavradores* tem de ser encerrada com debito e debito enorme, porque não ha iniciativas individuais por mais importantes e valiosas que sejam, que possam comprovar a ausencia do esforço colectivo.

No debito do Estado, são tantas as verbas a inscrever—transportes, violencias, ensino, cerceamento de braços, legislação atribiliaria, indiferença, etc.—que todas somadas reclamariam um esforço enorme e esgotante da nossa agricultura, não para as anular, mas para as diminuir.

Dos anos findos havia uma conta que se afigurava dar valor positivo—Os gastos agricolas—mas a maneira como foi executada, convertendo-os em lucros de burocratas, destruiu essa esperança. Quasi ao fechar o ano dois ligeiros valores no credito devemos inscrever — a readmissão do Sr. D. Luiz de Castro no professorado e a inauguração do busto de Ferreira Lapa.

Uma foi uma reparação e a segunda o pagamento duma divida de gratidão pelos altos serviços prestados á agricultura nacional pelo eminente professor. Contudo estes preitos devem-se originariamente ao corpo docente do Instituto de Agronomia, mais do que á acção do poder central, ao qual só cabe o merecimento de os não ter impedido, o que hoje é de agradecer. Consignemos aqui o nosso louvor áquele corpo escolar, por essas duas iniciativas que o honram.

E' com a defeza dos valores actuais e na glorificação dos que desapareceram, que se ergue a maior barreira á mediocridade triunfante e insolente, que se apoderou do país e ameaça aniquila-lo.

Na conta *Comercio* em relação á agricultura, notamos o mesmo desiquilibrio dos anos findos; por outro lado todos os productos necessarios á vida do lavrador, para seu sustento ou para o exercicio da sua profissão, continuam a ser onerados não só com o acrescimo que a guerra impoz ao mundo todo, o que é justo, mas com as exigencias duma especulação irritante. Por outro lado os principaes productos da nossa terra—vinho e cortiça—arrastam-se em preços normaes dos anos antes da guerra e por momentos, com altas insignificantes que não compensa.

Assim é que tendo-se vendido vinhos na proximidade das vindimas ao desbarato, as aguardentes atingiram preços elevadissimos.

A viticultura do sul vendeu a materia prima baratissima e a do norte foi esmagada com a carestia da materia indispensavel para a feitoria dos vinhos licorosos.

Este é um exemplo bem frizante da desigualdade de relações entre lavradores e negociantes. Não se argumenta com a alta dos productos cerealiferos, porque a rapida saida das colonias nas ceifas, do gado, maquinas e adubos para as sementeiras (não falando nas expoliações feitas pelo governo) não são saldados pelo maior preço da venda, porque a maior soma ficou em mão dos intermediarios. E' este o balanço ruinoso que ao despontar o ano civil de 1918 pode fazer a agricultura nacional. Mau seria na anormalidade da epoca presente, nas radobra o descalabro se o compararmos com o da agricultura dos demais países europeus. Modificar-se-hia bem simplesmente se lavradores e estado, entrassem na compreensão dos seus deveres; os primeiros associando-se os segundos convertendo a sua acção protectora, resumindo-se em ultima analise numa unica acção—a da classe agricola—organisando-se. Esta forçaria o governo e o comercio ao cumprimento dos seus deveres.

Julio de Melo Matos

## "Sejamos latinos!,,

Sejamos latinos! gritava no sabado, muito afflicto, o *Século* da noite. Sejamos latinos! —afirmamos nós com a nossa serenidade de sempre. Mas que diferença entre o grito desesperado do jornal da rua Formosa e a placidez inalteravel da nossa afirmação. Sejamos latinos, sim! Mas ser-se latino é repelir a democracia, descendente espiritual de Lutero e Kant, gerado e nascido entre as nevoas confusas da mentalidade germanica. Sejamos latinos, e com coragem alta e coração erguido. Mas ser-se latino é libertar-nos da Maçonaria, criação do iluminismo protestante, dos doutores do Ingolstadt, com Wreisshaupt, á frente. Defendamos o nosso patrimonio da cultura secular, alinhando-nos em fileira de batalha contra o morbo revolucionario com que a Alemanha enfraqueceu a nossa velha resistencia historica. E' com idéas nossas,—claras, fecundas, *latinas*, que a Alemanha vence. Vence com as virtudes sociais da Monarquia, que ela nos arrebatou, inoculando-nos o principio democratico, que por tantas centenas de anos a impossibilitou de se unificar. Sejamos latinos, sim! Que ser-se latino é *abrigar-nos* novamente á sombra do Catolicismo, que Bismarck reconhecia ser a nossa unica força, tão grande e tão forte, que foi a unica que o venceu a ele. Isto sim, é que é ser latino! O mais é uma avaria de sentimento e de inteligencia que nos trouxe á beira da catastrofe e que tanto persiste ainda em não nos deixar olhar de frente a ressurreição.

Sejamos latinos!—gritava, afflicto, *O Seculo* da noite. Sejamos latinos!—continuamos nós afirmando. E porque o somos e queremos continuar a ser, é que nos espantamos aqui lembrando a mentira que *O Seculo* defende e que tem sido, através da historia, a mais fiel servidora de ambição imperialista da Germania. E Caillaux que o diga, que o diga Bolo-Pacá!

## Liga Naval Portugueza

Realisa-se ámanhã ás 9 1|2 da noite a conferencia do ex.mo sr. Homem Cristo, filho, com o tema: «Portugal em França sobre o democratismo».

Para esta conferencia, teem validade os convites e marcações de logares para o dia 18.

## A "Sempre Noiva"

Durante o romantismo de doenças do peito e de contemplações á lua, cultivou-se o namoro.

Mayer Garção, anarquista romantico, republicano sonhador, para em tudo obedecer ás leis fatais do romantismo, cultiva tambem, além da poesia, o namoro.

Ninguem desconhece as trovas que ele dirigiu ao originalissimo brazileiro Bernardino Machado Guimarães, tão vilmente atraiçoado por Leote do Rego que, contra o que mandava o decoro e a Constituição, metia a ocultas no ministerio um outro Bernardino...

Mas o Bernardino foi-se. Mayer Garção, a *Sempre Noiva* do partido republicano, no receio tão justamente romantico de *ficar para tia*, como já nada espera do brazileiro, *atira-se* agora com desenvoltura ao sr. Sidonio Pais, principalmente desde o 8 de Janeiro, dia fatal em que a *Sempre Noiva* perdeu a ultima ilusão sobre o Cordial...

Pobre *Sempre Noiva!* Em vão o teu verso ha de bater á porta do heroe de Dezembro, porque o coração de Sidonio Pais só estremece e pulsa na Rotunda.

Triste *Sempre Noiva!* O teu brazileiro já não pode voltar a Portugal e a Espanha, é Sidonio Pais, ó desilusão amarga, não te quer ouvir os ninos!

Pobre *Sempre Noiva!* Vai para um convento!

**Lêr na 2.ª pagina:**
**«Outro Mundo», de Alvares de Almeida.**

## Ao "Dia,,

Laborando no mesmo equivoco tambem o nosso presado colega *O Dia* nos dirige palavras amaveis de saudação pelo primeiro aniversario de *A Monarquia*, cuja data, de facto, é ao dia 12 do proximo mez. Cumprenos no entanto agradecer as suas boas palavras. Embora intransigentes no nosso credo politico e irreductiveis nele, sempre tivemos pelo nosso presado colega *O Dia* o singular apreço a que tem direito, conquistado pela subida inteligencia e pela energia inquebrantavel do seu director, a quem a causa monarquica muito deve.

## Historia do homem que perdeu a sua sombra

Quando um dia, á devida distancia do tempo que dá ás coisas sociais aquela relativa grandeza de justa proporção alguem através da historia fôr olhando o irromper e o desenrolar desta guerra inexpiavel logo abrangerá no mesmo raio vizual aquela que lhe foi prologo e em 70 atravessou a França como um cataclismo fatal. A uma e a outra chamará talvez as novas guerras punicas porque o mercantilismo sabiamente organizado de novo ameaça o espirito latino. E se fôr um destes insatisfeitos que sempre prescrutam dos factos, as suas causas iniciais ha de ir indo, indo até parar naquela manhã fria de janeiro em que um bando, em nome da França, fez rolar ante uma nação agachada de pavor a cabeça do seu rei, guia dos seus gloriosos destinos.

Setenta oito anos passaram dia a dia e em egual 21 de janeiro a França, que entretanto pela mão do mais extraordinario guerreiro se banhara no sol rutilo de uma divina gloria, era levada á capitulação humilhante que lhe arrancou com a violencia do rasgar das carnes sensiveis a provincia muito amada. Foi neste dia que Julio Favre, advogado de Paris, membro do governo de Defesa Nacional, estipulou com Bismarck o primeiro armisticio da cidade rendida.

E por um destes acasos com que o Destino muitas vezes vem formular os problemas mais angustiantes da metafisica, a memoria do guilhotinado e de toda uma serie de reis quiz envolver-se no tratado em que se discutia a sorte de sua nação.

Uma semana depois desse primeiro armisticio Favre discutidas e aceites as condições porque a omnipotencia do chanceler de ferro lavava o orgulho da sua raça das humilhações de Iena voltou á clara sala desse maravilhoso palacio de onde Luis XVI dera os primeiros passos da sua ora dolorosa. Dez dias antes, aniversario da coroação do primeiro rei da Prussia que Luis XVI sorrindo de ironia consentira e protegera tinha-se proclamado a unidade do Imperio da Alemanha e o rei Guilherme imperador alemão.

Articulado e reduzido a escrito o tratado terminava assim:

«Artigo 15.º Em fé dos que abaixo assinados firmaram com as suas assinaturas e sebaram-se as presente convenções».

Feito em Versailles aos 28 de janeiro de 1871.

*Julio Favre-Bismark*

Colocado o seu sinete, o chanceler alemão passou a minuta a Favre convidando-o a fazer o mesmo.

Mas, perplexo, o advogado celebre declarou-se que com os cuidados de todo aquele dia esquecera o selo da republica francêsa. Falou em manda-lo buscar a Paris, seria apenas uma hora de espera mas Bismarck contestou:

—Seria uma demora inutil.

E apontando o anel do comissario da França, tornou:

—O seu sinete pesseal basta:

Fabre, olhou-o assombrado por um pouco. Por fim, como curvando-se ao dictame de uma fatalidade poderosa, marcou sobre o lacre uma figura de Bellona, bem gravada, mas que não tinha apagado inteiramente os tres lyses da casa de França, que indelevelmente existiam tambem naquela pedra e ficaram assinalando o tratado agonico numa mancha côr de sangue. E' que essa joia, que desde 1904 se encontra no arquivo do ministerio dos estrangeiros de França, tinha sido dadiva de uma extranha creatura, especie de iluminado, para quem defendera, na causa mais apaixonante da sua carreira de advogado celebre, o estado civil de... Rei de França.

Antes de ir dormir sob a lousa com que o Rei da Holanda lhe cobriu a campa a expensas do estado e onde de harmonia com o seu governo inscreveu em grandes elzevires:

AQUI REPOUSA
LUIZ XVII
CARLOS LUIZ, DUQUE DA NORMANDIA
REI DE FRANÇA E DE NAVARRA
NASCIDO EM VERSAILLES A 27 DE MARÇO DE 1785
FALECIDO EM DELFT A 10 DE AGOSTO DE 1845

Ao entregar-lhe esse dom de um reconhecimento que nunca se desmentiu esse rei escorraçado acompanhára-o com estas palavras proféticas:

—«Em nome de Luis XVI e de toda uma geração de Reis de quem defendeu a herança desesperada use esse anel. Que os manes ultrajados dessa geração penetrem essa pedra com o seu espirito. Que o seu talisman o conduza e lhe seja um dia em hora sagrada testemunha da sua presença».

Habituados aos textos oficiais da historia poucos se lembram de que a morte dessa pobre creança de loiros caracois filha de Luis XVI que a malvadez jacobina encarcerou aos seus sete anos de inocencia fosse posta em duvida. Não foi o seu corpinho debil de escrofuloso inhumado num caixão que mais tarde Napoleão achou vasio?... E e o seu coração não foi guardado na ocasião da autopsia como reliquia pelo doutor Pelletan e oferecido depois á duquesa de Angouleme que nunca o quiz aceitar?

Quem é que se lembra de que o verdadeiro Mascara de Ferro com o nome de Naundorff afivelado a sua pessoa seja dos nossos contemporaneos.

Quando ha pouco o republicano Boissy

## A carta do Leote do Rego e a "Manhã"

Foi só ontem, e calculamos com quanto sacrificio, que a *Manhã* publicou a carta preciosa do sr. Leote do Rego, denunciadora de um falso Bernardino para assinar coisas de interesse para cartos democraticos. E a proposito transcreve um periodo da *Capital* que chama a esse documento um enigma.

Concordamos com esta opinião da *Capital*, porque a carta do sr. Leote será sempre um enigma enquanto não se descobrir quem fazia de Bernardino nas contas que os democraticos por um inconcebivel pudôr (!) não apresentam ao verdadeiro Bernardino Guimarães.

Mas o que nos espanta na *Manhã*, é não querer esta gazeta acreditar na carta do sr. Leote e do falsificador, porque, diz o jornal dos antigos redactores do *Mundo*, *lamenta que informações desta natureza não sejam apresentadas ao publico de uma maneira absolutamente explicita.*

Então que mais queria a *Manhã?* Que a carta do sr. Leote do Rego fosse devidamente reconhecida por um notario?

## João Camilo Felix Correia

Com o artigo «*Um chavão grosseiro*» iniciou outro dia a sua colaboração no nosso jornal este dedicado soldado do movimento integralista.

Temos ha muito em nosso poder a sua carta de adesão, que será publicada na primeira oportunidade. Daqui o encorajamos com o nosso estimulo e com o nosso aplauso, certos do muito que de futuro o *Integralismo* lhe ficará devendo.

## El-Rei e os soldados portugueses

Por informação colhida da melhor fonte podemos noticiar que Sua Magestade El-Rei, o Senhor Dom Manuel II, concorreu com uma importante quantia, a maior de todas as subscritas pela colonia portuguesa de Londres, para a compra de agasalhos e outras obras de assistencia aos soldados portugueses do corpo de artilharia pesada.

Damos com o maior prazer esta noticia que testemunha o interesse com que El-Rei acompanha os destinos da nossa cooperação militar ao lado das nações aliadas.

## Ministro de Portugal em França

A fim de tomar posse do logar de ministro de Portugal em Paris, partiu logo de manhã para a capital francesa o sr. dr. Betencourt Rodrigues.

## Experiencia integralista

De *A Opinião* de sabado:

«Dizia-se hoje, não sabemos com que fundamento, que o governo pensa em alterar a Constituição por forma a adaptal-a a uma republica presidencialista.

Desta forma, teriamos os ministros escolhidos livremente pelo chefe do Estado perante quem seriam apenas responsaveis pelos seus actos. Será assim?

Registamos o boato unicamente a titulo de curiosidade, e, nestas condições, acrescentaremos ser voz corrente tambem que, nesse sentido iria ser dirigida uma representação ao chefe do Estado contendo milhares de assignaturas de pessoas de todas as classes e de differentes pontos do país».

De «*O que nós queremos*», esboço de organização nacional, publicado pela primeira vez no n.º 1 da «*Nação Portugueza*», com data de 8 de abril de 1914:

«*Poder pessoal do Rei: chefe do Estado. Função governativa suprema: por ministros livremente escolhidos, especialisados tecnicamente, responsaveis, perante o Rei.*

**Comentarios nenhuns.** Limitamo-nos a fazer a comparação, embora confessemos com toda a franqueza que nunca esperámos ver a nossa influencia doutrinaria reflectir-se na propria constituição da republica.

## Expediente

Aos nossos estimaveis assignantes rogamos o obsequio de satisfazerem a importancia do seu debito, logo que lhes sejam apresentados pelo correio, os respectivos recibos, a fim de nos evitarem maiores despesas e não sofrerem interrupção na remessa do jornal.

## Secretaria da guerra

Para conhecimento das familias dos oficiaes e praças do A. C. P. se publica o seguinte:

E' livre de direitos em Inglaterra a importação de pequenos volumes contendo artigos habitualmente sujeitos a eles, quando se destinem ás tropas portuguesas ali em instrução e satisfaçam ás seguintes condições:

(1) Os artigos devem ser remetidos como encomenda postal;

(2) O conteúdo da remessa deve ser devidamente declarado;

(3) As encomendas devem ser endereçadas por forma que mostrem a qualidade militar do destinatario;

(4) Os artigos habitualmente sujeitos a direitos não devem ser excessivos para us) pessoal do destinatario;

Tendo em atenção:

(5) Que a importação ordinaria por meio de carta ou encomenda postal é proibida e os artigos sujeitos a direitos, assim importados, podem ser apreendidos.

## O nosso crime

E' sempre perigoso ter idéas num país de analfabetos. Sobretudo quando a democracia permite aos analfabetos exercer funções que só pertenceriam por defesa publica a direito de inteligencia ás pessôas cultas. Sucede isso no caso de que vamos ocupar-nos. Já se compreende a que é que nos referimos. E' ao nosso «germanofilismo.»

Ainda no conhecimento de todos o requerimento que um certo padre,—o Padre Mariola—, fez ao sr. Afonso Costa para nos fechar a porta e mandar para Espanha. Felizmente quando o requerimento apareceu, já havia gente de bem na nossa terra com a vara da justiça na mão. Não contava o clerigo com tal insucesso. Damos-lhe os pesames por isso. No entanto, começando hoje, não por ele, mas por nós, o seu processo, que é o processo duma infamia pura e simples, onde o padre justifica o seu nome de Padre «Mariola», para aqui recortamos a prova do nosso crime. De resto, ela já corre para ai transcrita e reproduzida em grande alarido de indignação pelo jornal do sr. Zé de Almeida, cujos suspensorios rebentaram pelo esforço com que empurram os nossos soldados para a sepultura de Newala. Estampamo-la, porem, no nosso jornal para melhor a voltarmos contra quem, mutilando-a de má fé, nos quis agredir com ela. Fixem-n'a primeiro os nossos leitores e escutem-n'as depois nas nossas razões.

«A nossa derrota será, latinos, a nossa salvação!... Francofilo que me mostrei já em publico, eu desejo agora veementemente a vitoria da Alemanha. Só pela vitória dos Imperios Centrais nós teremos, com a derrota da Maçonaria, o restabelecimento da ordem legitima que permitira á França ressarcir-se, a nós outros curar-nos. Cartago começa então a afundar-se no seu rochedo do Mar da Mancha.»

Ora o que aí fica, escrevem-se no n.º 10 de *A Nação Portuguêsa*, no estudo *O testamento de Garrett*. Mas o Padre Mariolote, fino seu requerimento ao senhor Afonso Costa, aproveitou-se apenas do que mais lhe convinha ao seu odio baixo de invejoso e de denunciante. Completemos, pois, o seu extracto com todo o nosso pensamento. E' como segue:

*«A guerra actual as gerações futuras a bemdirão como um beneficio de Deus. A energia ancestral desperta dos nascentes entulhados do ser. A Espada triunfará, para que os povos tornem á disciplina que os fez fortes e os levou as jornadas malores da Civilisação. Se a Espada se exceder na lei com que talhar a parte de Breno, lembremo-nos de Santo Agostinho, morrendo aos povos, com o seu povo cercado pelo exercito barbaro. «Non tollit Gothus quod Christus custodit,—dizia o Santo aos que lhe pediam consôlo entre os cuidados de agonia. A nossa derrota será, latinos, a nossa salvação!*

*Mais alto que os planos estrategicos e que as ambições dos principes, resiae o fuizo impescrutavel de Deus. Suponho que a teologia se não opõe é sentença popular segundo a qual Deus escreve direito por linhas tortas. Francofilo que me mostrei já em publico, eu desejo agora veementemente a victoria da Alemanha e só pela victoria dos Imperios Centraes, nós teremos com a derrota da Maçonaria, o restabelecimento da ordem legitima que permitirá á França ressarcir-se, a nós outros curar-nos, Cartago começa então a afundar-se no seu rochedo do Mar da Mancha.*

## Domingos de Aguiar Mexia Serra

Vimos em Lisboa este nosso prezado amigo, que nos deu o prazer da sua visita.

Domingos Serra é o presidente da Camara de Campo Maior e a ele se deve em grande parte a victoria da lista monarquica naquele concelho por ocasião das eleições municipais. Dotado das melhores qualidades de energia e de inteligencia, ele é um devotado aos interesses da sua terra natal, onde já ocupa, apesar da sua mocidade, uma situação de destaque.

## Rol de honra

### Baixas em França

MORTOS:

Desde 30 do mez findo a 5 do corrente mez:

**Por ferimentos em combate**

Regimento de infantaria n.º 5: 2.º sargento n.º 255 da 2.ª companhia, José Bernardes Junior.

Regimento de infantaria n.º 6: Soldado n.º 477 da 2.ª companhia, Camilo Alves do Pinho.

Regimento de infantaria n.º 7: 2.º sargento n.º 480 da 1.ª companhia, Manoel João Luiz Salgueiro; soldado n.º 467 da 4.ª companhia, José Coelho.

Regimento de infantaria n.º 8: Soldado n.º 206 da 4.ª companhia, João Gomes; soldado n.º 355 da 4.ª companhia, Bernardino José Antunes.

Regimento de infantaria n.º 10: Soldado n.º 565 da 4.ª companhia, Alfredo Augusto Nogueira; soldado n.º 412 da 4.ª companhia, Verissimo de Jesus Pires.

Regimento de infantaria n.º 17: Soldado n.º 566 da 9.ª companhia, José Fernandes.

Regimento de infantaria n.º 18: Soldado n.º 646 da 4.ª companhia, José da Silva Santos.

Regimento de infantaria n.º 21: 1.º cabo n.º 430 da 6.ª companhia, Joaquim Matias.

Regimento de infantaria n.º 22: Soldado n.º 206 da 9.ª companhia, José Antonio Moita.

Regimento de infantaria n.º 34: Soldado n.º 521 da 1.ª companhia, Duarte da Silva.

**Por desastre em serviço**

Escola de Equitação: Soldado n.º 125 do 1.º esquadrão, Augusto Gomes.

Lisboa, 19 de janeiro de 1918.

## Fita cinematografica do... «Mundo»

*O Mundo*, suspenso em virtude dos ultimos acontecimentos, na impossibilidade, até hoje, de pôr o jornal em circulação, organisa fitas cinematograficas em plena rua, sendo principal protagonista o sr. José do Vale. A de ontem, a terceira da serie, entre Cascaes e Lisboa, fez rir a bandeiras despregadas os felizes mortaes que tiveram a dita de a presenciar.

O nosso colega *O Diario de Noticias* descreve assim o film comico:

«O sr. dr. João Chrisostomo, juiz encarregado da investigação sobre os crimes politicos, depois de ter ouvido varios presos que estavam na cidadela de Cascais, mandou pôr em liberdade varios e entre eles os srs. Antonio de Aguiar e José do Vale.

A' espera do sr. José do Vale estavam varios seus amigos, que já sabiam ser ele posto em liberdade, os quais se meteram no comboio em sua companhia, apeando-se todos em Algés, e vindo para Lisboa num carro electrico, até ao Rocio, indo então os srs. José do Vale e Raul Lopes, um dos amigos que desde Cascais o acompanharam, para o café A Brasileira, onde pouco depois foram presos, sendo levados para o governo civil.

A prisão foi levada a efeito por um oficial do exercito, e a respectiva participação, que aponta oito testemunhas, acusa os srs. José do Vale e Raul Lopes de terem quer no trajecto, quer no comboio, quer no electrico, bem como os restantes que os acompanharam e um marinheiro que entrou na estação da Cruz Quebrada, dado «vivas á formiga branca e ao sr. dr. Afonso Costa e gritos de «abaixo o governo de traidores e malandros», sendo forçados a sair do comboio em Algés perante a attitude hostil dos restantes passageiros, cinco dos quais os seguiram no electrico e afirmam que até Lisboa continuaram nas mesmas manifestações.

Mais consta da participação que na Brasileira os dois arguidos insultaram em alta voz o Chefe do Estado, o que, com os factos precedentemente apontados, motivou a sua captura.»

Temos no sr. Vale um rival do Charlot... Viva o Charlot do partido democratico!

## Expedição a Moçambique

A expedição que se vae organisar para Moçambique, deve seguir com a maior brevidade possivel, visto que muitas das nossas forças que se encontram naquela provincia teem de ser repatriadas.